

# Encontramos caminhos para avançar na Literatura

— Marcelino dos Santos na recepção de encerramento da Assembleia constitutiva da AEM

O Secretário para a Política Económica do Partido Frelimo, Major-General Marcelino dos Santos proferiu de improviso, o discurso, na assembleia constitutiva da Associação dos Escritores Moçambicanos realizada na terça-feira em Maputo, que passámos a transcrever-lo:

«Camaradas e Amigos,  
Estimados Convidados

Durante o dia de hoje, estivemos reunidos nesta conferência constitutiva da Associação dos Escritores Moçambicanos. Agora, ao terminarmos os trabalhos, podemos dizer que tratámos de todos os problemas, de todos os pontos da nossa agenda e queremos dizer que, se nos foi possível terminar o trabalho, realizar a missão de que nos incumbimos, foi porque houve uma participação activa de todos nós, delegados, e de todos nós, convidados.

Por isso, e em primeiro lugar, queremos saudar a todos vós, delegados e convidados, e, através de vós, todos os escritores moçambicanos, todos os amigos da Literatura moçambicana, todos os nossos amigos.

Saudar, pelo trabalho que foi realizado, pelo sucesso que alcançámos, pelo grande sucesso que alcançámos, e que nos permite dizer agora que temos uma Associação.

Viva a Associação dos Escritores Moçambicanos!

É orgulho para nós, para nós como escritores, para nós como cidadãos moçambicanos, para nós como cidadãos de uma Pátria Socialista, terra de operários e de camponeses, declarar a realidade da formação da Associação dos Escritores Moçambicanos. A formação da Associação é uma declaração do engajamento dos escritores moçambicanos na revolução, no socialismo e no combate pela consolidação dos nossos objectivos. Na luta do povo contra a ignorância, contra a nudez, contra a fome, na luta do povo para fazer desta década, a década da vitória contra o subdesenvolvimento, na luta do nosso povo pela paz e progresso, Paz na terra moçambicana, paz no Mundo, progresso na terra moçambicana e progresso para os povos do Mundo inteiro.

A formação da Associação dos Escritores Moçambicanos, enquanto declaração de engajamento dos escritores moçambicanos, é também uma afirmação da consciência que temos da exigência de estarmos organizados. Concretamente, nós como escritores, nós, como cidadãos, sabemos como o Povo moçambicano, inteiro, do Rovuma até ao Maputo sabe que, para triunfarmos, para realizarmos as nossas tarefas, necessitamos de estar organizados; isso significa compreender a realidade, significa compreender o papel e o lugar que temos aqui na terra moçambicana, enquanto que escritores e cidadãos que somos. Portanto,

é orgulho para nós constatar nesta terra moçambicana que os escritores se engajaram totalmente na construção do socialismo, na construção de uma pátria próspera e forte e que isso eles o fazem intensamente, profundamente ligados dentro do Povo moçambicano.

Nós temos portanto agora o instrumento, temos as condições que nos permitem avançar e avançar com segurança. Durante os nossos trabalhos, definimos o que devem ser as nossas tarefas, definimos um programa, mas penso dever aqui sublinhar a importância dessas tarefas, a importância de na prática estarmos integralmente identificados com a acção geral do Povo moçambicano.

Nós falámos aqui das dificuldades que vivemos, que temos vivido o que é de assumirmos completa e plenamente a responsabilidade como escritores. Nós dizemos aqui que é preciso falar das coisas da vida, e a vida de hoje é construir; nós temos que construir e defender as conquistas já realizadas, temos que construir e nos inserir cada vez mais no nosso passado, cantar as nossas glórias, a estrada que lançámos para o futuro. Precisamos de cantar a vida que temos hoje, as nossas dificuldades, os nossos sucessos. Precisamos de cantar, de recriar a construção da terra moçambicana. Que estejamos numa machamba, que estejamos numa fábrica, que estejamos na escola, em casa, precisamos de pegar nas nossas palavras e recriá-las para fazermos trabalho e penetrar no futuro, levando o nosso povo a melhor compreender a estrada que todos nós temos de caminhar.

Ser escritor, companheiros, é escrever, em primeiro lugar; é preciso produzir. Declaramos aqui que há companheiros nossos que estão prontos a entregar aquilo que guardaram durante tanto tempo e eu também VOU FAZER ISSO, CAMARADAS (aplausos). Mas não sou só eu, camaradas.

É tempo de, através da nossa arte, da nossa literatura, svancarmos com maior determinação ainda no trabalho de construção, de cantar a construção, de contribuir para essa construção. É hoje a nossa terra a terra dos operários e camponeses; é preciso cantar o trabalho que o nosso povo faz.

Nós devemos — agora que temos organização, o trabalho será mais fácil — nós devemos-nos armar para realizar as nossas tarefas. Devemos armar-nos.

Este é um trabalho muito importante e que exige profunda consciência daquilo que nós somos, uma profunda consciência da história da história da nossa literatura.

Nós dissemos aqui que temos que aprofundar esta questão com o nosso próprio conhecimento, nós pensamos que são problemas de fundo, sobre a cultura, sobre a literatura, e, em particular, sobre as consequências do colonialismo no nosso País. Dissemos durante o nosso trabalho que devemos aprofundar

esses problemas: fomos cortados no processo de desenvolvimento da nossa cultura e da nossa literatura. Fomos cortados, significa que houve um momento em que tal se não verificou em toda a sua plenitude. Não se processou normalmente a evolução da literatura. Fomos cortados, e quando avançámos para a literatura escrita, quais eram as nossas raízes?

Devemos sublinhar aqui este ponto. Temos uma literatura oral, já que muitos de nós têm um conhecimento muito fraco hoje. No processo de crescimento, no desenvolvimento da história moçambicana, nós fomos, como dissemos durante a luta, matando a tribo para formar a nação. Mas a tribo não morreu.

É preciso continuar o processo. A nação moçambicana é já a força fundamental. Mas o processo de consolidação da nação ainda deve continuar. Fomos cortados no nosso processo natural de desenvolvimento, o processo de desenvolvimento da nossa literatura foi cortado. Mas nós não perecemos. Encontrámos caminhos para vir à literatura, para avançarmos na literatura.

Temos a nossa realidade. Hoje ainda temos a literatura oral, mas também possuímos uma literatura escrita. Nós temos a nossa cultura camaradas, por isso dizemos que vivemos de longe. As raízes da nossa cultura vêm de muito longe, vêm com a história do povo, muito antes da ocupação colonial, muito antes.

É preciso sentirmos profundamente as nossas raízes, nesta terra. Sentir que realmente vivemos de longe, não nascemos com a ocupação colonial do nosso povo. A nação moçambicana, a nossa história não começa somente com a nação moçambicana. Temos que assumir essas raízes longínquas e conhecê-las para então dizer — podemos realmente escrever e comunicar? A questão da cultura não se coloca a nível da literatura. Somos um mosaico. Quem faz a cultura é o povo, o povo trabalhador, e é na produção que se forja a nossa cultura.

Temos que ter consciência dessa realidade, para todos, e cada um de nós, nos armar-mos, é preciso dizer que eu conheço a minha cultura.

Cultura não se produz, não se desenvolve com misturas. O desenvolvimento da cultura faz-se por sínteses sucessivas, mas essencialmente no trabalho transformador.

Fazedor da cultura nesta terra moçambicana é o povo operário e camponês. Somos um mosaico, mas a nossa cultura é esta que nasceu na terra. Esta é a realidade que todos nós devemos assumir hoje e, portanto, já instrumentos para avançarmos nessa cultura que é a Associação dos Escritores. Discutamos os nossos problemas, tracemos completamente as nossas responsabilidades. Nós dizemos, companheiros, que temos muitas dificuldades económicas, muitas destas dificuldades surgem, porque feita isto ou aquilo. Companheiros, muitas destas problemas surgem porque

muitos de nós não conhecemos profundamente o que são as preocupações do povo.

Nos últimos tempos, temos conversado com muitos companheiros, a propósito das dificuldades que temos e falamos de missangas, Missangas. E dizemos e constatamos que não há missangas e então conversamos; alguns lembraram-nos e disseram: Oh, alguns não sabiam que há missangas. Bom, mas nós que estamos a fazer a revolução, a construir o socialismo, uma tarefa muito árdua, muito dura, é preciso aprofundar a Missanga? quem come missanga? Para quê missanga? E verdade, missangas, a gente não as come. O nosso povo não diria, só de pão vive o homem, mas diria que não vive só de batata-doce. O problema, é o resultado que nós tivemos. E o povo disse «Não temos missanga porque é que vamos produzir, se não posso gastar os mil meticals a comprar missangas? E se não produzo, então, o alimento que eu preciso? Quem vai produzir?»

Não é só ao nível da literatura que este problema se põe, mas este problema é mais profundo e todos nós devemos assumir integralmente a nossa moçambicanidade, de aprofundarmos o conhecimento de nós próprios, de realmente sentirmos que as nossas raízes são profundas e que vêm de longe, de longe com a história, com o povo.

Somos um mosaico de cultura. A cultura não se faz com mistura de culturas. São sínteses sucessivas que se realizam neste combate, neste combate pela transformação, se realizam num processo de luta de classes, neste processo de trabalho de transformação.

Quem faz cultura do povo? Temos que compreender e então dizermos aqui nesta terra moçambicana: as nossas raízes realmente estão na história da África, e na história dos povos aqui de Moçambique, estão nesta marcha do povo. Que este Povo moçambicano, este povo aqui, neste território moçambicano, realizou ao longo dos séculos. Todos nós, pretos, brancos, mulatos, indianos, todos nós assumimos a nossa moçambicanidade, não são duas moçambicanidades; assumamos a nossa cultura e não duas culturas moçambicanas.

Como escritores, sabemos reconhecer: a montanha de dificuldades que temos e, depois, quem disse que a dificuldade pararia a nossa marcha? E quantas vezes nós não subimos montanhas e descemos montanhas? Qual é a dificuldade?

Assumamos, camaradas, arremo-nos para fazer crescer esta revolução, para fazer avançar o socialismo na Pátria moçambicana, para sermos realmente Povo moçambicano, camaradas.

Creio que a Associação dos Escritores Moçambicanos nos cria as condições necessárias para esta marcha, sem a qual não cresceremos, não assumiríamos as responsabilidades, sem as quais não materializaríamos aquilo que decidimos, não realizaremos as tarefas que propusemos realizar no decurso dos nossos trabalhos.

Era isto o que nós gostaríamos de dizer aqui, neste momento, quando se trata de avançarmos na terra moçambicana, como escritores profundamente engajados na realidade, que é a nossa realidade, a realidade do Povo moçambicano.